

A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR)

The ethnographic collection of homemade ceramics from Guilherme Tiburtius – material culture and history of the Araucaria region (PR)

La colección etnográfica de cerámicas caseras de la cultura material tiburtia guilherme y la historia de la región Araucaria (PR)

Rosane Patricia Fernandes¹
Dione da Rocha Bandeira²

Recebido em: 1.º/8/2019
Aceito para publicação em: 10/1/2020

¹ Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação (PPG) em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Arqueóloga. Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do PPG em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

Resumo: Este artigo trata de parte da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras Guilherme Tiburtius, coletadas em municípios do entorno de Curitiba (PR) no início dos anos 1940, discutindo especificamente as peças provenientes do município de Araucária (PR). O estudo tem como objetivo compreender o conjunto cerâmico etnográfico coletado no município de Araucária (PR), buscando elucidar a origem dessas cerâmicas e seu contexto cultural, com base em estudos bibliográficos e documentais com utilização de fontes históricas e etnológicas acerca daquela coleção, partindo da publicação “Äleterer Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien”, de Guilherme Tiburtius (1968), e dos cadernos de inventário desse arqueólogo. O trabalho de pesquisa realizado auxiliou o desvelar de um passado cultural híbrido e miscigenado, que merece outras investigações e novos olhares para o precioso acervo histórico e patrimonial daquela região, a fim de dar voz ao que a cultura material é capaz de revelar.

Palavras-chave: coleção etnográfica; cultura material; cerâmica.

Abstract: This article is about part of the Guilherme Tiburtius Ethnographic Collection of Homemade Ceramics, collected in municipalities around Curitiba (PR), Brazil, in the early 1940s, and it specifically discusses the pieces from Araucária city (PR). The study aims to understand the ethnographic ceramic collection collected in Araucária, trying to elucidate the origin of these ceramics and their cultural context, based on bibliographic and documentary studies using historical and ethnological sources about that collection, based on the publication *Äleterer Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien*, by Guilherme Tiburtius (1968), and his inventory books. The investigation helped to unveil a hybrid and miscegenated cultural past, which deserves further researches and new insights into the precious historical and patrimonial heritage of that region, in order to give voice to what the material culture is capable of revealing.

Keywords: ethnographic collection; material culture; ceramics.

Resumen: Este artículo es parte de la Colección Etnográfica de Cerámicas Caseras Guilherme Tiburtius, recopiladas en ciudades cercanas de Curitiba, Paraná, Brasil, a principios de la década de 1940, con destaque para las piezas de Araucária, también en Paraná. El estudio tiene como objetivo comprender la colección de cerámica etnográfica recolectada en Araucária, buscando dilucidar el origen de esas cerámicas y su contexto cultural, de acuerdo con estudios bibliográficos y documentales utilizando fuentes históricas y etnológicas sobre esa colección, empezando por la publicación *Äleterer Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien*, de Guilherme Tiburtius (1968), y sus libros de inventario. La investigación ayudó a desvelar un pasado cultural híbrido y heterogéneo, que merece una investigación más profunda y nuevos conocimientos sobre la preciosa colección histórica y patrimonial de la región, para dar voz a lo que la cultura material es capaz de revelar.

Palabras clave: colección etnográfica; cultura material; cerámica.

INTRODUÇÃO

As coleções etnográficas constituem um importante registro para o conhecimento da origem dos povos e sua trajetória pela história, assim como um valioso patrimônio cultural. Com base nos conjuntos formados por colecionadores e pesquisadores ao longo do tempo, torna-se possível desvelar o passado dos grupos sociais em múltiplos contextos e ambientes, de modo que a cultura de cada grupo étnico ficou materializada nos artefatos produzidos para o uso diário ou não, permitindo interpretações dos modos de vida e as possíveis rotas de ocupação dos territórios.

Este artigo versa sobre a Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras Guilherme Tiburtius, coletadas na redondeza de Curitiba (PR) entre os anos de 1941 e 1942, especificamente as peças provenientes do município de Araucária (PR), que compõem um conjunto de 33 vasos cerâmicos. Guilherme Tiburtius foi colecionador e arqueólogo amador de origem germânica, que juntou cerca de 12 mil peças de valor arqueológico, etnográfico e histórico ao longo de 40 anos, enquanto viveu no estado do Paraná. Grande parte da sua coleção foi vendida para a Prefeitura de Joinville no ano de 1963, resultando mais tarde, em 1972, na abertura do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (Masj).

Este estudo tem como objetivo compreender o conjunto cerâmico etnográfico coletado no município de Araucária (PR), buscando elucidar a origem dessa coleção e seu contexto cultural. Sabendo que a região do planalto curitibano apresentava um intenso fluxo de grupos indígenas distintos até os séculos XVI e XVII, assim como outros grupos étnicos que viveram ali, supõe-se que essas cerâmicas podem conter traços de filiação étnica. Assim, pesquisá-las possibilita a preservação desse patrimônio por meio do registro histórico e cultural. A metodologia empregada ao trabalho é revisão bibliográfica e documental com utilização de fontes históricas e etnológicas acerca daquela coleção, partindo da publicação “Ältere Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien”, de Guilherme Tiburtius (1968), e dos cadernos de inventário de campo desse arqueólogo.

Poucos trabalhos tratam da trajetória de coleta de peças da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras, de Guilherme Augusto Emílio Tiburtius, que nos anos 1920 fixou moradia em Curitiba (PR) e desenvolvia o ofício de marceneiro, produzindo abajures e outras peças decorativas em madeira brasileira, que comercializava na sociedade curitibana. A matéria-prima vinha do entorno da cidade, em maior parte de Umbará, localidade próxima ao município de Araucária, junto das encomendas de madeira. Alguns homens lhe entregavam machados em pedra, encontrados porventura na região do desbravamento das terras por imigrantes europeus atraídos pelo incentivo de colonização da região dos campos gerais do estado. Na década de 1940, a figura de Guilherme Tiburtius destacou-se no colecionismo, pela angariação e compra de peças para seu acervo próprio (SILVA, 2017).

Nos anos 1960 a Comissão Diretora do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville (SC), bem como Adolfo Bernardo Schneider, historiador local, conhecedores do trabalho e da afamada coleção de Guilherme Tiburtius, empenharam-se para que o município adquirisse aquela coleção. Em 1963 a coleção foi comprada pela Prefeitura de Joinville por meio da Lei Municipal n.º 620. Pagou-se o valor de 5 milhões de cruzeiros pela posse dos 12 mil objetos, líticos, cerâmicos, ósseos, zoomorfos, entre outros, além de esqueletos humanos, contudo sua coleção ultrapassava 15 mil artefatos. Essa compra foi tão significativa que em 1969 foi fundado o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (Masj) para recebê-la (figura 1), com projeto arquitetônico do SPHAN assinado por Sabino Barroso, projetado com três salas de exposições, reserva técnica, laboratório, auditório, biblioteca, alojamento para pesquisadores e estacionamento. O Masj, como conhecemos atualmente, foi inaugurado em 1972 (BRUNO *et al.*, 1991; SILVA, 2017).

Figura 1 – Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (SC)



Fonte: MUSEU... (2011)

A soma das peças cerâmicas pode ser maior, necessitando de pesquisas aprofundadas nos demais manuscritos e publicações do colecionador. A riqueza informativa das coleções por ele organizadas ao longo de 40 anos constitui valioso patrimônio cultural.

Figura 2 – Peças da Coleção de Cerâmicas Etnográficas de Guilherme Tiburtius



Fonte: Masj (1996)

É também por meio dos estudos da cultura material que conhecemos a origem dos povos e sua trajetória pela história, assim como se torna possível desvelar o passado dos grupos sociais em múltiplos contextos e ambientes de modo que culturas ficaram materializadas nos objetos, impingindo neles expressões de linguagem e memórias. Do mesmo modo, os objetos influenciam os comportamentos, direcionam práticas, agem sobre os indivíduos. Ao dar forma ao barro o sujeito

em moldando a terra moldou a si próprio. Seguindo a matéria e sondando-a quanto “à essência de ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos do mundo. Dando forma à argila ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recria (OSTROWER, 1984, p. 51).

O ser humano é um ser social e seu desenvolvimento se dá por intermédio das relações que constrói consigo e com os outros, mediado pelo mundo que o cerca e caracterizado por sua cultura. No entanto não é possível deixar de prestar atenção a tal contexto.

CULTURA MATERIAL, LINGUAGEM, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

A Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, estudada com base em discussões sobre a cultura material, não é apresentada apenas como o conjunto de coisas e contextos materiais de que se serve o homem na sua vida social, mas, principalmente, como a dimensão marcada pela expansão das capacidades do corpo e da mente para as sociedades, dos afazeres culturais de um determinado grupo étnico (BITTENCOURT, 2011).

Escrever no tempo presente sobre algumas práticas culturais de grupos que não utilizavam a escrita, ou ficaram à margem das historiografias, de modo a registrar suas produções, é como

voltar no tempo, num período pré-colonial nacional, anterior à colonização. Para Martín (2018, p. 5),

significa conhecer a adaptação desses grupos [...], os processos culturais que os levaram ao conhecimento da agricultura e da cerâmica, suas estratégias de sobrevivência e sua vida espiritual registradas em rituais fúnebres e em manifestações artísticas.

Referindo-se à produção de cerâmica como expressão de linguagem ou artística, Deetz (1967 *apud* RIBEIRO, 1983, p.16) argumenta que os “artefatos, tal como palavras, são produtos da atividade motora humana, produzida através da ação de músculos guiados mentalmente sobre a matéria-prima envolvida”. Os objetos cerâmicos são produzidos para além do uso, pois detêm em si significados de quem o fez, com linguagem e expressões próprias e únicas. Newton (1986, p. 2) acrescenta: “Os fenômenos culturais se apresentam segundo três modalidades distintas: a das idéias, a do comportamento e a dos objetos físicos”. A mesma autora, quando cita Bohannan (1973 *apud* NEWTON, 1986, p. 7), enfatiza:

A cultura material foi caracterizada como único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto. Essa dupla codificação permite comparar os três fenômenos culturais, ou seja, o artefato, bem como seus aspectos cognitivos e comportamentais.

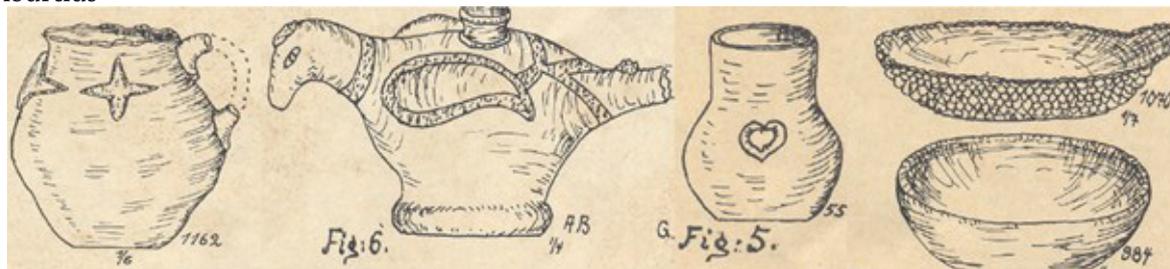
Desse modo, por meio dos estudos da cultura material, percebe-se que os “objetos nos fazem enquanto os fazemos [...], passando a demonstrar como e por que uma apreciação mais profunda das coisas nos levará a uma apreciação mais profunda das pessoas” (MILLER, 2013, p. 12). Dito isso, a cultura material constitui um dos únicos meios para conhecer as formas culturais do passado e as práticas comunitárias de produção, quase uma contraposição entre o instrumental e o simbólico.

Albert (2007 *apud* INGOLD, 2012, p. 36) lembra que “seria um erro [...] presumir que a cerâmica é um objeto fixo e estável, que traz a marca da forma cultural sobre a matéria ‘dura’ do mundo físico”. Nesse sentido, Ingold (2012, p. 36) discorre sobre a colocação de Albert, acrescentando: “as evidências sugerem que os potes eram tratados como corpos, e com a mesma preocupação: compensar pela estabilidade crônica, reforçar os recipientes contra a constante suscetibilidade a vazamento e descarga que ameaça lhes dissolver ou metamorfosear”. Assim, entende-se que o ceramista, ao fazer o barro tomar forma por meio das suas mãos, impinge ao objeto sentidos e testemunhos que ficam gravados na fisionomia da peça, como se ela fosse extensão do seu próprio corpo, dotada de memória e arrimo cultural.

Ghirardello e Spisso (2008) acrescentam que o patrimônio, além de um conjunto de bens de natureza material ou imaterial, guarda em si referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos sociais, que podem ser transmitidas pela cultura material, bem como pela cultura imaterial.

As peças produzidas em barro e argila recolhidas por Guilherme Tiburtius, no município de Araucária, assemelham-se ao coletado nas regiões próximas àquele município, como Lapa, Contenda, Campo Largo e São José dos Pinhais, entre outras. Há similaridade à forma em que foram produzidas, a modelagem, os elementos decorativos produzidos pelas pontas dos dedos, unhas e bastõezinhos redondos. Algumas peças apresentam desenhos como estrelas, cruzeiros sobrepostas (figura 3) e outros com enfeites em forma de ondas. Em suma, compartilham repertório básico composto por louça utilitária, como panelas, potes, vasos, cuscuzeiros, frigideiras, entre formas que lembram aves e outros animais, os quais revelam a abstração, a imaginação e a cognição no momento de preparar tais peças (TIBURTIUS, 1968).

Figura 3 – Gravuras das cerâmicas com elementos decorativos da Coleção Etnográfica de Guilherme Tiburtius



Fonte: Tiburtius (1968)

A coleção etnográfica ativa o “patrimônio” por meio da cultura material e imaterial, distinguindo os diversos significados que ela pode assumir em suas variações no tempo e no espaço, focalizando seus usos sociais e simbólicos, problematizando as noções de “patrimônio cultural”, apontando situações que se caracterizam pela inserção do patrimônio em totalidades cósmicas, morais e culturais, em que suas fronteiras são pouco delimitadas (GONÇALVES, 2005).

O estudo dos objetos pelo olhar da cultura material produzida etnograficamente traz diferentes compreensões, o que permite uma variada gama de informações a seu respeito, sendo pelo tipo estético da peça ou dela como fonte documental de um processo, que contribui para o entendimento do contexto em que foram feitos. Desse modo,

os dados primários vêm a ser os próprios artefatos, sejam descrições de primeira mão de exemplares observados no campo, ou de espécimes coletados. Por trás da forma e natureza do artefato em si, encontra-se uma massa enorme de informações que compõe sua documentação. Na sua forma mais completa e acabada, essa documentação pode ser quase congruente com os dados disponíveis sobre a sociedade e a cultura como um todo. Essa penetração das expressões materiais de uma cultura possibilita o conhecimento da mesma através de seu aspecto artesanal. Convém considerar a natureza desses dados, através dos quais aspiramos dar um salto ao passado (NEWTON, 1986, p. 17).

No caso da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, há os objetos na reserva técnica do Masj, os inventários e registros de campo do colecionador e suas publicações, que documentam as ações de sua atividade de pesquisador e configuram uma relevante fonte de pesquisa, pouco explorada à luz dos estudos do patrimônio cultural.

O patrimônio, para alguns autores, é descrito como herança, na sucessão de bens familiares, como algo recebido de nossos antepassados, estando restrito a um pequeno grupo como a família. Porém, quando se classifica um bem como patrimônio, seja ele material ou imaterial, essa herança passa a “pertencer” a um grupo maior, como a sociedade. No entanto os objetos ou os monumentos, antes de serem tidos como patrimônio, são criações, individuais ou coletivas, de determinados grupos sociais.

Neste trabalho pretende-se enfatizar o objeto etnográfico e o estudo de coleções etnográficas em museus. Procura-se transpassar os sentidos e as interpretações que contribuem para os diferentes entendimentos dessa classe de objetos musealizados, assim como dos grupos que os produziram e os lugares em que foram coletados.

AS CERÂMICAS CASEIRAS DE ARAUCÁRIA DA COLEÇÃO DE GUILHERME TIBURTIUS

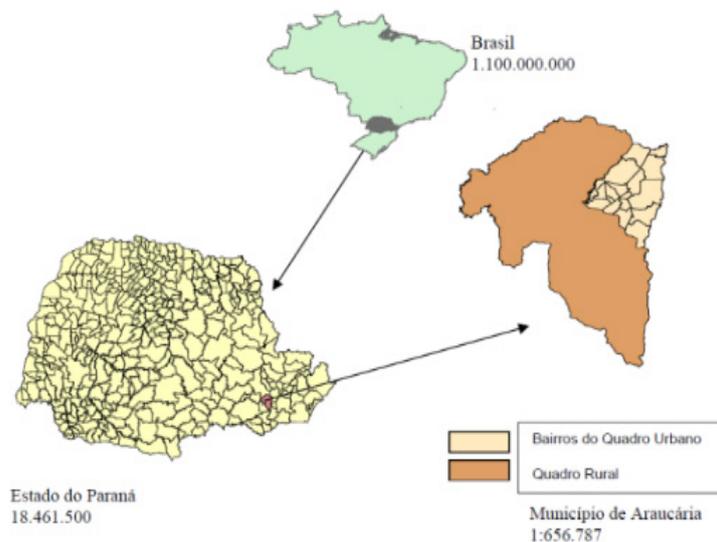
Araucária é um município que integra a região metropolitana de Curitiba no estado do Paraná. Encontra-se no primeiro planalto paranaense, com área de 460,85 km², e é o décimo segundo município mais populoso daquele estado, segundo dados do IBGE (2010). Situa-se a 857 m do nível do mar. A parte sudoeste do município que compreende a área rural, conforme a figura 4, é banhada pelo Rio Iguaçú. Seu território também é cortado pela BR-476, ou seja, pela Rodovia do Xisto, importante via de interligação da Região Sudoeste do país, estando a 27 km do centro de Curitiba e a 136 km de Joinville (SC) (PREFEITURA DE ARAUCÁRIA, 2019).

As primeiras movimentações do homem branco no então município de Araucária datam do ano de 1668, quando se iniciou a primeira doação de sesmarias naquela região do Assungui pelo capitão povoador, Gabriel de Lara, homem influente na província do Paraná daquele período. A família Maia, numerosa em membros, foi uma das primeiras a habitar o lugar; iniciou as roçadas, lançou as primeiras sementes no solo, atraiu outros moradores, e o lugar passou a ser ponto de referência, desenvolveu-se como povoado. O local escolhido pelos Maias foi exatamente um lugar descampado, situado às margens do Rio Iguaçú, em cima de uma antiga aldeia indígena. Naquela época a região era conhecida como Tindiquera, por causa dos índios tinguís, que habitaram aquele território desde a época do descobrimento do Brasil (IBGE, 2010; PREFEITURA DE ARAUCÁRIA, 2019).

Em 1837 a Capela de Nossa Senhora da Luz de Tindiquera pertencia ao município de Curitiba e foi denominada Freguesia do Iguassu em 28 de fevereiro de 1855. Em 1868 a Freguesia do Iguassu foi desligada de Curitiba e anexada como distrito de São José dos Pinhais até o ano de 1888. Durante o Império, em 1876, começou a corrente migratória europeia, composta principalmente por poloneses, russos e alemães, que se estabeleceram na localidade, emprestando notável surto de progresso a toda a região. Com o passar do tempo, fundou-se a Colônia Tomás Coelho pelo governo imperial, a qual abrangia vasta área de terra no planalto (PREFEITURA DE ARAUCÁRIA, 2019).

Pelo Decreto Estadual n.º 40, de 11 de fevereiro de 1890, a Freguesia do Iguassu foi elevada a vila e logo foi criado o município de Araucária, cujo nome provém do grande número de pinheiros (araucárias) existentes na região (PREFEITURA DE ARAUCÁRIA, 2019).

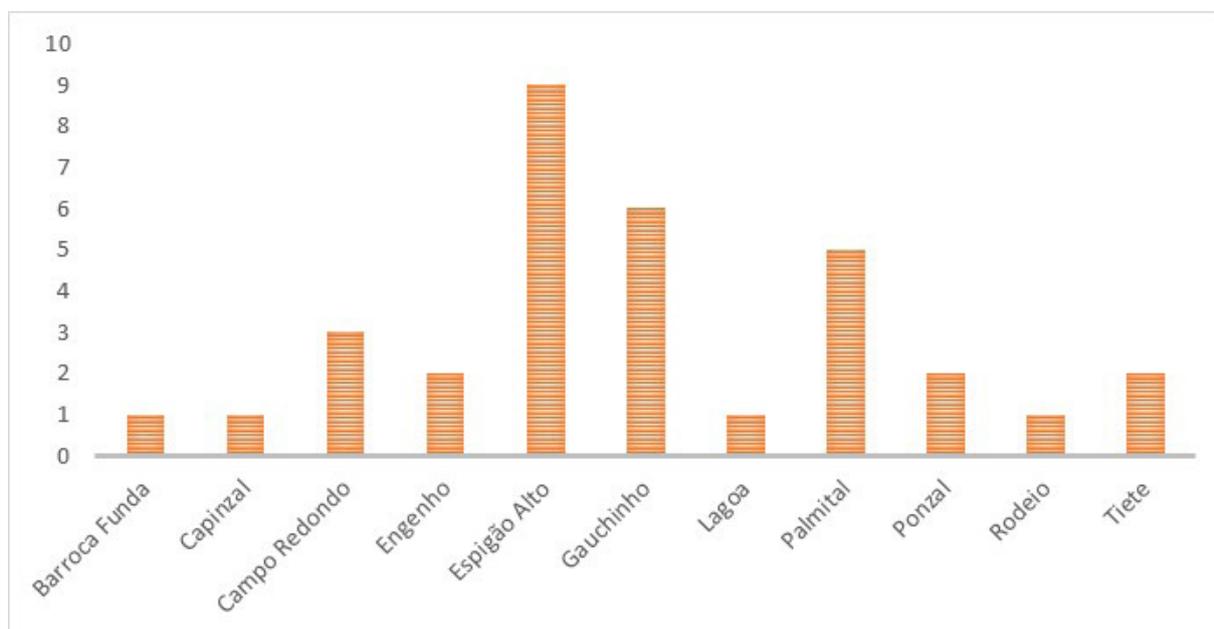
Figura 4 – Mapas com a localização do município de Araucária (PR)



Fonte: IBGE (2004)

Araucária é um município extenso territorialmente, conforme se vê no mapa anterior. Está dividido em bairros urbanos representando um terço da ocupação do espaço territorial, distribuídos em 18 bairros, incluindo a Colônia Tomás Coelho. A zona rural é composta por 40 localidades, entre elas Mato Dentro, Espigão Alto, Palmital, Ponzal, Campo Redondo, Lagoa Grande, Capinzal, Tietê e Guajuvira (distrito com *status* de subprefeitura), citados por Guilherme Tiburtius como algumas das localidades onde ele coletou peças em cerâmica no início dos anos 1940. Outros lugares citados que atualmente não estão descritos como bairros ou distritos de Araucária são Rodeio, Gauchinho, Engenho e Barroca Funda (figura 5).

Figura 5 – Distritos em que foram coletadas as cerâmicas entre 1941 e 1942, conforme registro de Guilherme Tiburtius



Fonte: Rosane Patricia Fernandes (2019)

Especificamente, é proveniente do município de Araucária (PR) um conjunto de 33 peças. De acordo com os inventários de Guilherme Tiburtius, são 20 vasos de diferentes tamanhos, 5 cuscuzeiros, 2 potes/panelas, 4 vasilhinhos e 2 panelas de fritar, em bom estado e de relevante valor histórico, cultural e patrimonial. No entanto, com base nos estudos que estão sendo efetuados nos inventários de Guilherme Tiburtius e nos textos publicados sobre sua coleção de cerâmicas, é possível apontar equívocos nos registros das peças coletadas em relação aos locais de origem (TIBURTIUS, 1968).

Tiburtius, no artigo da revista alemã *Anthropos* intitulado “Ältere Hauskeramiik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien”, publicado no ano de 1968, descreve a população dessas localidades como

uma raça humana [...] que os primeiros chamavam erradamente de caboclos. Tratava-se de uma população pobre, mas prestativa de composição robusta, os homens apresentavam pouca barba, cabelo da cabeça brilhantemente preto até elevada idade; as mulheres, no entanto, envelhecem mais cedo. Possivelmente trata-se de um grupo restante de índios [...]. (TIBURTIUS, 1968, p. 3).

O mesmo autor ainda descreve as moradias desse povo como cabanas primitivas elaboradas por eles mesmos, de chão batido e tábuas. A parte interior é empretecida pela fumaça, e em geral se encontram fogões sem chaminés e sem chapas, confeccionados de pedra de calcário colados com barro, e os potes maiores estavam em base de argila. O telhado é construído com telhas ocas feitas à mão e bem queimadas. Na figura 6 é possível ver duas moradias descritas por Guilherme Tiburtius.

Figura 6 – Famílias caboclas e suas moradias, no distrito de Fundo do Mato (à esquerda) e Barroca Funda (à direita), no município de Araucária (PR), com peças cerâmicas



Fonte: Tiburtius (1968, p. 56)

Observando as fotos da figura 6, nota-se que ambas têm peças em cerâmica. Na imagem à esquerda há dois vasos empretecidos de fumaça que sugerem uso na preparação de alimentos, no distrito de Fundo do Mato. Na foto da direita, de Barroca Funda, há um vaso e um cuscuzeiro em cerâmica, no entanto os registros de campo e a publicação na revista *Anthropos*, na parte em que se descrevem os cuscuzeiros, não fazem menção a essa peça, ou à outra que está na foto. Conforme a figura 7 a seguir, existe o registro de um vasinho de Barroca Funda, localidade que naquela época pertencia ao município de Araucária e atualmente pertence ao município de Mandirituba (PR).

Figura 7 – Vasinho registrado por Guilherme Tiburtius como peça coletada em Barroca Funda, município de Araucária, em 1942

 <p>PEÇA 1046 Barroca Funda, Araucária – PR Inventário de campo GT 600 – 1192, p. 80</p>	 <p>Revista <i>Anthropos</i>, (1968, p 67).</p>	<p>Parede interna e externa deste vasinho de uma alça, aparente aspereza. O bico é inclinado apenas fracamente. O beiral plano arredondado. No arco superior da alça, são entalhadas fendas fracas. A base é parelha. Altura 72 mm, lateral 70 mm, fundo 31 mm. Revista <i>Anthropos</i>, (1968, p 67).</p>
---	--	---

Fonte: Tiburtius (1968, p. 67)

As peças cerâmicas coletadas em Araucária possuem muitas variações, como mostra a figura 8, “com estilos próprios, com importância cultural evidente, visto que é bastante diferente dos estilos da Cultura Guarani” (TIBURTIUS, 1968, p. 6). Outro tanto do material cerâmico, relata o colecionador, possui traços e influência europeia e, por fim, uns tipos especiais de cerâmicas, como um vaso de bico, uma garrafa ou vaso com aparência animal, segundo Guilherme Tiburtius assemelhados com fazeres indígenas, bem lisos e ricamente decorados.

No que se refere à sua confecção, “seria uma continuação da antiga indústria indígena, e de acordo com as explicações de pessoas idosas era um trabalho para mulheres” (TIBURTIUS, 1968, p. 6). O autor ainda afirma que, de uma antiga aldeia guarani de nome Mariental, no município de Lapa (PR), 64 km a leste de Curitiba, foram recolhidos mais de 1.000 fragmentos de vasos de vários tamanhos, junto com outros materiais arqueológicos, que merecem a atenção dos pesquisadores.

Figura 8 – Peças da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, que estão na Reserva Técnica do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (SC)



Fonte: Masj (2019)

Ao ler sobre a presença indígena na historiografia dos lugares, percebe-se que no contar histórico do nosso país as comunidades indígenas foram deixando de ser citadas, quando comparadas à presença do colonizador. Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, estima-se que havia cerca de 6 milhões de indígenas, organizados por etnias e disseminados nas planícies dos campos gerais até a costa litorânea brasileira, onde cada comunidade possuía seus costumes, e suas culturas eram esparramadas por todo esse território (WITTE, 2017).

Na miscigenação das diferentes etnias que constituem o povo brasileiro, surgiu o caboclo, termo amplamente utilizado para tipificar uma classificação social. Para Lima (1999, p. 5), essa designação é “também usada na literatura acadêmica para fazer referência direta aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica”. Na linguagem coloquial, o termo caboclo é considerado como classificação social intrincada, que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe. Com vistas à dimensão geográfica, o caboclo é reconhecido como um dos “tipos” regionais do Brasil (LIMA, 1999).

A historiografia do município de Araucária, organizada pela Prefeitura por intermédio da Secretaria de Cultura e Turismo, traz fortemente a questão da migração europeia, especificamente a polonesa, como memória cultural local. Pouco cita outros povos, como indígenas, caboclos ou negros como grupos formadores daquela população cujas marcas ainda estão presentes nos hábitos e costumes locais.

A coleção de livros editada como *História do município* conta com seis volumes publicados, sendo um deles intitulado *A construção de uma história: a presença étnica em Araucária*, de 2004, sobre o qual Juraski (2017, p. 18) afirma:

A abordagem sobre o papel das diversas etnias na formação de Araucária parece fazer um contraponto importante a um discurso político que enfatiza a identidade de Araucária com os processos migratórios de grupos poloneses. As demais etnias ficam esquecidas, colocadas em segundo plano, enquanto a descendência e afirmação polonesa ressaltam sobre as demais.

No trabalho publicado por Robson Juraski (2017), ele aborda algumas questões da historiografia do município e aponta uma falta de dados oficiais sobre os demais grupos étnicos que habitaram as terras araucarienses, o que os faz, assim, sofrer de um apagamento.

Ao pesquisar as peças da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, que foram coletadas no município de Araucária, percebe-se que possuem estilos próprios e importância cultural evidente. Algumas peças lembram o estilo da cerâmica neobrasileira³ ou de contato. Segundo Tiburtius (1968, p. 6), ao se referir à sua coleção, “uma quantidade desse material permite reconhecer a influência europeia [...], é evidente a concordância de certas formas com outras dos índios”. O próprio Guilherme Tiburtius não conseguiu chegar a conclusões precisas sobre a confecção e a procedência daquelas cerâmicas em sua coleção.

Desse modo, pelo período das coletas de Guilherme Tiburtius, entre 1941 e 1942, na zona rural do município de Araucária, faz-se pensar que entre os caboclos pobres também viviam indígenas, que transmitiram algumas técnicas de trabalhar o barro para as comunidades de entorno, assim como pela própria miscigenação. De acordo com os Cadernos do Ipardes (2019), que trazem dados da população censitária segundo cor/raça do município de Araucária, ainda vivem lá 132 indígenas e 4.471 negros. No passado esse número pode ter sido maior. Assim, cabe questionar o que ocasionou a ausência dessas culturas na história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve recorte bibliográfico aponta haver pouco conhecimento sobre os grupos mais antigos que habitaram a região de Araucária, compostos por indígenas, europeus e africanos, cujas marcas estão presentes nos hábitos, costumes e em alguns processos de trocas culturais entre grupos. Isso já está posto em algumas narrativas locais.

Ademais, pesquisas específicas sobre povos produtores de utensílios cerâmicos parecem ser incipientes na região, pois há dificuldades de localizar publicações científicas relacionadas ao tema. As principais referências sobre a historiografia do município são os livros da coleção editada pela Prefeitura de Araucária, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, ligada às comemorações do centenário de fundação da Colônia Tomás Coelho, formada por poloneses e seus descendentes.

Os indígenas e caboclos da região dos campos gerais raramente são citados na historiografia do desenvolvimento dessa região, tampouco é dada importância à sua história e à valorização de suas especificidades culturais e seus fazeres. A produção de objetos cerâmicos e cestarias é característica acentuada da cultura material desses povos. Os objetos etnográficos e arqueológicos possibilitam decifrar o modo de viver e interagir com o ambiente e com outros grupos que viveram na região.

Por meio do estudo da Coleção Etnográfica de Cerâmicas Caseiras de Guilherme Tiburtius, coletadas na zona rural do município de Araucária, vai se desvelando um passado cultural híbrido e miscigenado que somente a cultura material é capaz de revelar.

Contudo faz-se necessário investigar com maior propriedade o arquivo histórico, o Museu

Tingui-Cuera e outros lugares de memória no município de Araucária em busca de referências sobre grupos indígenas, negros e caboclos que produziam artefatos e objetos em cerâmica e/ou cestarias naquela região, de modo a entender melhor a trajetória daquela coleção de cerâmicas musealizada em Joinville, bem como compreender a organização da historiografia local.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) o apoio financeiro à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, B. Destabilising meaning in anthropomorphic forms of northwest Argentina. *In*: JORGE, V. O.; THOMAS, J. (ed.). **Overcoming the modern invention of material culture**. Porto: Adecap, 2007. p. 209-223.

BITTENCOURT, J. N. Armas, beleza, computadores: a cultura material em algumas observações introdutórias. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 25-39, jan.-abr. 2011.

BRUNO, M. C. O.; GUEDES, S. P. L. de C.; AFONSO, M. C.; ALVES, M. C. Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição “Pré-História Regional” de Joinville (Santa Catarina). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 7, p. 113-129, 1991.

DIAS, N. Antropologia e museus: que tipo de diálogo? *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos (org.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007. p. 126-137.

GHIRARDELLO, N.; SPISSO, B. **Patrimônio histórico: como e por que preservar**. 3. ed. Bauru: Canal 6, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan.-jun. 2005.

IAB – INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **A cerâmica neobrasileira**. Disponível em: <http://www.arqueologia-iab.com.br/portfolios/view/248>. Acesso em: jan. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Araucária – Paraná (PR)**. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/araucaria.pdf>. Acesso em: set./out. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadernos de cidades e estados**. Araucária código: 4101804. 2004. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/araucaria.html>. Acesso em: set./out. 2019.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan.-jun. 2012.

IPARDES – INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.

Cadernos estatísticos do município de Araucária 2019. 2019. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=83700>. Acesso em: out. 2019.

JURASKI, R. L. da S. **Projeto de Exposição: de Pedra e Cal** – memória e patrimônio araucariense no século XXI. 2017. 87 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História, Memória e Imagem) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

LIMA, D. de M. A construção histórica do termo *caboclo*. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, dez. 1999.

MARTÍN, G. Comunicação gráfica entre os indígenas do nordeste do Brasil. **Revista Nordestina de História do Brasil**, Cachoeira, v. 1, n. 1, p. 46-65, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiadobrasil/article/view/99>. Acesso em: set./out. 2019.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MUSEU Arqueológico de Sambaqui, em Joinville, começa a receber uma nova exposição. **NSC Total**, 20 set. 2011. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/museu-arqueologico-de-sambaqui-em-joinville-comeca-a-receber-uma-nova-exposicao>.

NEWTON, D. Cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. v. 2: Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes; Finep, 1986. p. 15-25. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/suma:vol2p015-025>. Acesso em: set./out. 2019.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

PREFEITURA DE ARAUCÁRIA. **História do município**. Disponível em: <https://araucaria.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/49>. Acesso em: out. 2019.

RIBEIRO, B. G. A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. v. 3: Arte índia. 1983. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. p. 15-27. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/suma%3Avol3p11-27/vol3p15-27.pdf>. Acesso em: set. 2019.

SILVA, P. G. F. da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville**: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

TIBURTIUS, G. Ältere Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien. **Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics**, Band 63, 1968. Internationale Zeitschrift für Völker- und Sprachkunde. Fribourg, 1968. (Texto traduzido).

WITTE, G. **Os caboclos dos Campos de Palmas e sua representação na Guerra do Contestado**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017.